

POETA LOURO DO PAJEÚ



Uma das figuras humanas mais marcantes de São José do Egito foi Lourival Batista, mais precisamente o Poeta Louro do Pajeú. Além da genialidade na poesia do repente, a presença física de Louro se destacava pelas ruas de São José do Egito. Com uma bengala debaixo do braço, como apoio para suas andanças nas ruas íngremes da cidade, e no outro braço, um livro de algum poeta da região ou da literatura brasileira, além de outros livros de áreas do conhecimento diversas, o poeta Rei dos Trocadilhos subia rua, descia rua e, vez em quando, parava para trocar algum dedo de prosa.

Usando a maneira peculiar de tratar todo mundo de “Babá”, o repentista da versificação, aproveitava essa forma carinhosa para abrir as portas da dialética cotidiana com os mais diversos tipos de pessoas da cidade e de outros lugares, sem impor parâmetros de valorização social, econômica, política ou literária. O que o poeta Louro mais gostava mesmo, era conversar, contar histórias de cantadores, com quem ele mais fazia versos de improviso ao som da viola, sobre as viagens pelo Brasil afora para fazer cantorias... enfim, o Rei dos Trocadilhos era um freiriano¹ da dialogicidade ou um Sócrates aedo-menestrel que percorria as ruas de São José do Egito, aumentando o valor estético-cultural da cidade e do Vale do Pajeú, em Pernambuco.

O improvisador de versos, diferentemente do seu concunhado, o poeta-cantador Jó Patriota, não era um boêmio notívago nem mesmo diário. No entanto, Lourival Batista sempre aparecia nas rodas de conversa, onde a Pitu ou Rum-Montilla eram os ingredientes etílicos dos encontros de poetas, cantores, músicos e amantes da poesia. Às vezes, tomava um gole ou outro, conversava sobre os assuntos de que gostava e depois seguia para casa ou para outro lugar. Para todos nós, da geração dos poetas jovens, era uma honra e uma

¹ Paulo Freire, filósofo da educação e fundador do método da aprendizagem por meio do diálogo.

aprendizagem ter, nas nossas rodas de poesia, uma lenda viva do repente poético... Um improvisador extraordinário.

Além de ser o “andarilho da poesia”, o poeta dos versos velozes do improviso, era um acolhedor na sua casa de figuras irreverentes ou taxadas de doidas pelas pessoas da cidade. A musicista Vilanir, Milonga, entre outros tantos e tantas, sabiam que, se chegassem à casa de Louro, teriam um prato de comida e a atenção do velho poeta do repente. Essa forma altruísta de Louro é um legado de que os poetas são irmãos das pessoas desvalidas e pouco aceitas socialmente. O irreverente Louro², iluminado pelo “Santo Reis”, tinha a luz da solidariedade cristã.

Os poetas Jó Patriota, Lourival Batista, Cancão, entre outros da mesma geração, habitantes de São José do Egito, tiveram o acolhimento dos jovens poetas da época, alguns estudantes universitários que sentiam orgulho e honra de tê-los presentes nas conversas e boêmias e de levá-los para fazer cantarias em Recife, nos anos 1970 e na metade da década de 1980. Era um período em que os jovens reconheciam a importância dos considerados velhos ou idosos e que tinham muito a ensinar à geração que começava a pisar nos trilhos difíceis e imprevisíveis da poesia.

Eu comecei a escrever poesia com mais ou menos 27 anos, pois não é fácil se anunciar poeta numa cidade de famílias tradicionais da poesia. Quando mostrei minha primeira poesia, o empático Louro do Pajeú elogiou a beleza poética e disse que eu teria que melhorar a métrica. Eu e Louro tínhamos uma amizade particular. Sempre que ele encontrava minha saudosa mãe, Rita Leite, perguntava: “Rita, quando é que o poeta vem?”

Uma das provas geniais do poeta supracitado de fazer poesia de improviso, ou de repente, usando um método extremamente difícil — o trocadilho, em que são substituídas letras ou palavras —: vejamos a genialidade do poeta ao pegar a palavra *Pobre* e trocar letras até terminar na palavra *Louro*.

É muito triste ser pobre
Pra mim é um mal perene
Trocando o P pelo N
É muito alegre ser nobre
Sendo pelo C é cobre

² Louro era do dia 06 de janeiro, dia de Santo Reis, principal padroeiro de São José do Egito.

Cobre figurado é ouro
Botando o T fica touro
Como a carne vendo a pele
O T sem o traço é L
Termino só sendo Louro.

Lourival Batista Patriota, o Louro do Pajeú, assim como Jó Patriota, Cancão (João Batista de Siqueira), Zezé Lulu, Ismael Pereira, Ragaciano Leite, Bio de Crisanto, entre outros, partiram para morar no Olimpo Grego da Poesia, onde estão Homero, Hesíodo e outros aedos do velho mundo grego. Possivelmente, o *Velho Louro do Pajeú* esteja, nesse momento, dedilhando a viola, improvisando com o poeta da Ilíada e da Odisseia, que toca a sua lira, talvez compondo um novo poema épico para ser ouvido somente por quem mora no Monte Olimpo.

Em São José do Egito, pelos becos, nas paredes dos velhos bares, no silêncio das noites e madrugadas, é possível, através do coração, ouvir a voz do Rei dos Trocadilhos e ver sua imagem a descer e a subir ruas, tendo como companhia a bengala e um livro. Figura como Louro, entre outros poetas de São José do Egito, é o legado vivo que representa uma das maiores reservas literárias do Brasil e do mundo: o Vale do Pajeú.

Gilmar Leite Ferreira

Poeta de Prof. Dr. da Universidade Federal da Paraíba